

23-25
noviembre de 2016
Santiago de Chile

Actas Primer Congreso Iberoamericano de Historia Urbana

Ciudades en el tiempo: infraestructuras, territorios, patrimonio



Centro UC
Patrimonio Cultural



Fondecyt
Fondo Nacional de Desarrollo
Científico y Tecnológico

Realizado con el aporte de Vicerrectoría de Investigación y Desarrollo de Universidad de Chile y Vicerrectoría de Investigación de Pontificia Universidad Católica de Chile.

Fondecyt Regular N° 1151372
Investigador Responsable **Rodrigo Booth**.

23-25
noviembre de 2016
Santiago de Chile

Actas Primer Congreso Iberoamericano de Historia Urbana

Ciudades en el tiempo: infraestructuras, territorios, patrimonio



Centro UC
Patrimonio Cultural



Realizado con el aporte de Vicerrectoría de Investigación y Desarrollo de Universidad de Chile y Vicerrectoría de Investigación de Pontificia Universidad Católica de Chile.

Fondecyt Regular N° 1151372
Investigador Responsable **Rodrigo Booth**.

Actas Primer Congreso Iberoamericano de Historia Urbana

©2016, Asociación Iberoamericana de Historia Urbana

Secretarios Generales de la Asociación Iberoamericana de Historia Urbana: Josianne Cerasoli, Rodrigo de Faria

Coordinadores Generales del Primer Congreso Iberoamericano de Historia Urbana: Rodrigo Booth, Macarena Cortés

Comité organizador: Rodrigo Booth, Josianne Cerasoli, Macarena Cortés, Rodrigo de Faria, Emanuel Giannotti, Juan Camilo Pardo, Amarí Peliowski, Elvira Pérez, José Rosas

Comité científico: Enrique Aliste, Arturo Almandoz, Diego Armus, Antonio Bandeirinha, Stella Bresciani, Sarah Feldman, José Luis Gómez Ordóñez, Adrián Gorelik, Mark Healey, Georg Leidenberger, Cristina Leme, Alicia Novick, Antonio Pizza, Ana María Rigotti, Carlos Sambricio, Horacio Torrent

Editores: Amarí Peliowski, Rodrigo Booth, Emanuel Giannotti

Diseño: Dirección de Extensión Facultad de Arquitectura y Urbanismo, Universidad de Chile

Dirección de Arte: Alicia San Martín

Equipo de Diseño: Roberto Doussang, Francisco González

A ESCOLA COMO CIDADE E A CIDADE COMO ESCOLA. A TRANSFORMAÇÃO DOS EQUIPAMENTOS ESCOLARES E DO ESPAÇO URBANO.

GONÇALO CANTO MONIZ / CAROLINA FERREIRA

Departamento de Arquitectura da FCT e Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra / Centro de Estudos Sociais, Departamento de Arquitectura, Universidade de Coimbra

gcmoniz@gmail.com; carolina.darq@gmail.com

RESUMEN: A cidade do Portuguesa tem vindo a sofrer um problema de desertificação desde os anos 80 do século XX, com o crescimento das periferias. As escolas, construídas ao longo da primeira metade do século XX para fazer face ao crescente aumento populacional provocado pela industrialização, começaram também a perder alunos e a perder a sua capacidade de agregar a comunidade envolvente.

Esta comunicação pretende analisar o impacto que a intervenção recente em equipamentos escolares construídos em diferentes momentos do século XX tem na reabilitação do espaço urbano. De facto, se a escola desempenhou um papel central na consolidação dos novos espaços urbanos, podemos também considerar que a sua reabilitação terá consequências na regeneração dos tecidos urbanos e sociais.

Nesta comunicação serão colocados em confronto projectos recentes de reabilitação de escolas secundárias, promovidos pelo Estado no âmbito do programa Parque Escolar (2007-2011), e projectos académicos desenvolvidos por estudantes de arquitectura, na Universidade de Coimbra. Deste modo, identificam-se um conjunto de temas que problematizam a relação da escola com a cidade – o limite urbano, os espaços escolares de carácter público, os espaços públicos como espaços de aprendizagem, os espaços de aprendizagem informal, etc.

Considera-se assim que a escola deve transformar-se num espaço de aprendizagem comunitário, integrando a sua história pedagógica, arquitectónica e social. Assim, esta comunicação irá também caracterizar as relações entre os arquitectos e a comunidade escolar, procurando reflectir sobre a importância do envolvimento das comunidade escolares na reabilitação dos equipamentos escolares modernos. Assim, recorre-se à perspectiva humanista de Leon Battista Alberti e aos escritos de Herman Hertzberger, para concluir que a Escola é uma pequena Cidade e que a Cidade é uma grande Escola.

PALABRAS CLAVE: Escola; Cidade; Arquitectura Escolar; Espaços de Aprendizagem

Pensar a escola na sua relação com a cidade é o objectivo a que nos propomos nesta comunicação. Por um lado, porque a escola “é um espaço de expressão ideológica e social, o que permite integrar, de um modo directo e transparente, o discurso político e a identidade cultural de uma sociedade”¹. Nesta perspectiva, a escola tem um potencial transformador da cidade e da comunidade, porque reflecte um modo de organização social de um determinado território e o seu projecto político. Por outro lado, tanto a escola com a cidade são espaços de aprendizagem, onde as competências, habilidades, comportamentos e valores sociais e individuais são adquiridos ou modificados. Neste sentido, a arquitectura tem uma importante função e responsabilidade educadora na forma como desenha e concebe os espaços facilitadores dessa aprendizagem.

Com o intuito de perceber os problemas e orientar propostas para a transformação das relações entre a escola e a cidade, esta comunicação irá estruturar-se em quatro partes: primeiro, será analisada a construção e transformação dos equipamentos escolares em relação com o espaço urbano, em Portugal, durante o regime ditatorial do Estado Novo até ao regime democrático (1926-1974); em segundo lugar será problematizada a situação actual da escola e da cidade em Portugal; depois, serão comentadas algumas perspectivas sobre a escola entendida como cidade e vice-versa; no final, serão apresentadas alguns projectos desenvolvidos pelos alunos de arquitectura da Universidade de Coimbra e pelo Programa de Modernização das Escolas Secundárias, promovido pela empresa pública Parque Escolar.

1. Construção e transformação dos limites da Escola com a Cidade

A rede pública de equipamentos escolares portuguesa, com as suas escolas para o ensino primário, secundário e superior, foi caracterizando o espaço urbano, configurando ruas, praças, avenidas e bairros, ao longo do século XX. Orientou ou consolidou, deste modo, o crescimento urbano em novas áreas de expansão e foi um dos pilares para a construção de um sistema público e democrático e a base do desenvolvimento igualitário da sociedade. Para fazer frente ao crescimento da população escolar e urbana, a partir dos anos 1960, foi necessário a construção de cada vez mais edifícios escolares.

Actualmente, essa rede conforma e organiza o território português, juntamente com outros equipamentos públicos destinados, por exemplo, à saúde e à justiça. As escolas primárias foram construídas em maior número e espalhadas por maior área territorial, a fim de servir a maioria da população e combater o analfabetismo do país. Desde a Primeira República (1910-1926) tiveram por base projetos-tipo normalizados.² As escolas do ensino secundário, como os liceus e as escolas técnicas, foram inicialmente implementadas nas zonas centrais da cidade e

1 Gonçalo Canto Moniz, “Espaços de aprendizagem: construção e transformação da escola moderna”, in Actas VIII Congresso DOCOMOMO Ibérico, 2015, p.123 o pp.123-136.

2 Filomena Beja, Muitos anos de Escolas, Lisboa: Ministério da Educação e Cultura. Direcção Geral dos Equipamentos Educativos, 1987.

posteriormente integradas em áreas de expansão urbana, através dos planos de urbanização. Já os equipamentos de ensino superior, como as universidades e politécnicos, expandiram-se utilizando, tanto o modelo de polo urbano, como o de campus ou de cidade universitária.³

A cidade e a sociedade moderna desenvolveram-se neste quadro de conquistas sociais, segundo as diversas políticas e reformas ocorridas durante o período do Estado Novo (1933-1974). O Estado pôs em prática as suas políticas sociais, alimentando uma identidade nacional unificada e centralizada. Deste modo, a expansão urbana foi organizada através de Planos Gerais de Urbanização que tinham como base os novos equipamentos públicos.⁴ Os planos urbanos eram desenhados segundo sistemas de grandes quarteirões, praças e avenidas, com o intuito de relacionar os programas públicos (como a educação, o desporto, a saúde, a justiça) na estrutura da cidade. Além disso, era reservada uma área envolvente de protecção para estes equipamentos, acentuando o seu carácter monumental e construindo a imagem da identidade nacional de promoção do Estado.⁵

Os equipamentos escolares foram, assim, uma ferramenta no planeamento da cidade, como é exemplo a zona escolar do Calhabé em Coimbra, proposta pelo urbanista Étienne de Gröer, em 1947 e resenhada por Antão Almeida Garrett em 1956.⁶ Neste plano é a praça que organiza em eixo, o Liceu Feminino e o Estádio Municipal, completado mais tarde com uma escola técnica, de um lado, e o Magistério Primário e escola primária anexa, do outro.

Também o Antepiano de Urbanização de Águeda, de 1959, elaborado por Miguel Resende colocou a Escola Industrial e Comercial num extremo de uma avenida, onde depois de 1970, Pedro Ramalho clarificou o novo perfil de rua com a implantação da Câmara Municipal e a Praça do Município no extremo oposto ao da Escola.⁷ Simbolicamente desenhou-se um sistema onde a educação e o poder municipal representam dois pólos ligados pela avenida.

Tanto a praça como a avenida vêm a assumir um papel fundamental para a integração da escola na vida urbana. Além de promoverem caminhos de ligação, conseguem agregar um conjunto de serviços e apoios que possibilitam a vivência dos espaços envolventes da escola.

Nos dois casos é evidente que a rede de infraestruturas e serviços públicos continuam a

3 Madalena Cunha Matos, *As Cidades e os Campis: Contributo para o estudo dos territórios universitários em Portugal*, Tese de Doutoramento, 2000.

4 Gonçalo Canto Moniz, *Arquitectura e instrução: o projecto moderno do liceu: 1836-1936*, Coimbra: EDARQ (Debaixo da telha), 2007.

5 AA.VV., *Urbanism under Dictatorship: A European Perspective*, Marald Bondenschat, Piero Sassi, Max Wech Guerra (eds.), Birkhause, 2015.

6 Mabely Moreira, *Escola e Cidade: Zona Escolar do Calhabé*, (Tese de Mestrado), Coimbra: Universidade de Coimbra, 2014.

7 Ana Luísa Pimenta, *Cidade à Margem. Reaproximar Águeda ao rio*, (Tese de Mestrado), Coimbra: Universidade de Coimbra, 2011.

caracterizar a cidade contemporânea e a ser um dos principais factores de identidade herdados da construção da cidade moderna.⁸

Contudo, a ocupação do quarteirão urbano pelos edifícios escolares teve uma grande transformação durante este período, alterando também a forma de relação da escola com a cidade. Até às reformas do Estado Novo, os edifícios escolares ocupavam quase a totalidade do quarteirão, definindo os seus limites. Evoluíram do modelo de edifício compacto e único dos colégios antigos. A partir dos planos e reformas iniciadas no final dos anos 30 do século XX, a construção dos edifícios escolares partem de programas-tipo normalizados para serem implementados rapidamente por todo o país.

Gradualmente, o edifício único e compacto tende a repartir-se por blocos distintos. No caso dos programas-tipo de liceu e escola técnica de 1938 e 1947 respectivamente, existia sempre um bloco principal para salas de aulas, serviços administrativos e biblioteca; outro para laboratórios e/ou oficinas e ainda outro para refeitório, ginásio/salão de festas, com acesso pelo exterior, abrindo o programa escolar à restante comunidade.

Os complexos escolares tenderam a afastar-se dos limites do quarteirão em tipologias pavilhonares e a abandonar a hierarquização programática dos espaços arquitectónicos. Esta nova tipologia, com projetos-tipo dos anos 60 e 80, reflectia o pensamento de um novo modelo educativo, que reagia à rigidez e monumentalidade das escolas dos anos 40. Propunha uma área de recreio aberto, livre de limites e formas rígidas, encorajando a liberdade dos alunos e promovendo espaços e escolas mais democráticas.

Estas escolas pavilhonares foram construídas massivamente, nas periferias das cidades, fora dos limites urbanos, onde o valor dos terrenos era menos elevado. Deste modo, perderam-se as relações urbanas que colocavam a escola na vida da cidade, como nos planos urbanos anteriores. A escola distanciou-se da cidade e o pensamento nacionalista deu lugar ao pragmatismo das soluções rápidas, económicas para construir massivamente.

Depois de 1974, o regime democrático continuou a expansão da rede escolar com a construção de escolas pavilhonares (dos ensinos primário e secundário) e de novos complexos universitários e politécnicos. Esta expansão acompanhou o processo de periferização da cidade e de esvaziamento do centro que marcou a cidade portuguesa nas últimas décadas do século XX⁹.

Actualmente, a população escolar está a diminuir e as cidades em processo de contracção e reorganização do existente. De facto, desde os anos 80 do século XX até agora, as escolas

8 Stefano Munarin, Maria Chiara Tosi, "Welfare Space. On the Role of Welfare State Policies in the Construction of the Contemporary City", in The 4th International Conference of the International Forum on Urbanism, The New Urban Question – Urbanism beyond Neo-Liberalism, Amsterdam/Delft, 2009, pp.371-379.

9 Álvaro Domingues, Cidade e Democracia: 30 anos de Transformação Urbana em Portugal, Argumentum, 2005.

construídas nas zonas periféricas foram acompanhando o crescimento urbano da cidade, integrando um tecido heterogêneo de áreas rurais, urbanas e comerciais e, intersectadas por vias de tráfego rodoviário sem carácter de rua urbana.

Hoje, as consequências deste planeamento são visíveis ao nível da organização territorial: um tecido segregado, com áreas dispersas, de difícil relacionamento entre elas.¹⁰ Por outro lado, a cidade portuguesa tem vindo a sofrer um problema de desertificação, com o crescimento das periferias. As escolas, construídas ao longo da primeira metade do século XX para fazer face ao crescente aumento populacional provocado pela industrialização, começaram também a perder alunos e a perder a sua capacidade de agregar a comunidade envolvente.

2. Da crise da educação à crise da cidade.

Actualmente, a imagem das escolas de ensino primário e secundário ficou presa à ideia de um quarteirão gradeado, que controla as dinâmicas das relações da cidade com a comunidade. Apesar de todas as conquistas democráticas, os espaços escolares ainda se revelam como dispositivos disciplinares, demasiado hierárquicos, que constroem relações de poder desiguais¹¹ e dificultam a participação e o livre acesso, promovendo a dependência, o medo, a passividade e a apatia.¹² A formalidade dos espaços de ensino e aprendizagem contribuem para este quadro, assim como a falta de envolvimento, participação e integração das comunidades escolares e urbanas.

Este debate remonta ao período da Primeira República, impulsionado pelas ideias liberais. As questões do ensino foram levantadas, alterando a ideia de uma educação apenas para o clero e para a aristocracia.

“O principal ideal liberal de educação é que a escola não deve estar a serviço de nenhuma classe, de nenhum privilégio de herança ou dinheiro, de nenhum credo religioso ou político. A escola deve estar ao serviço do indivíduo, em revelar e desenvolver em cada um, suas aptidões, talentos e vocação. A vocação é a realização individual para a construção do progresso geral”.¹³

Neste modelo liberal, as pessoas progridem pela sua própria experiência e iniciativa, adquirindo a capacidade de investigar, descobrir, criar, inovar e desafiar. Desta maneira, formam-se pessoas

10 *Ibid.*

11 Michel Foucault, *Vigiar e punir: nascimento da prisão*, 5ª edição. Petrópolis, Editora Vozes, 1987.

12 Noam Chomsky, “The Death of American Universities”, 2014. Disponível em <http://www.jacobinmag.com/2014/03/the-death-of-american-universities> [Data de consulta: 28 de agosto de 2016]

13 Luiz António Cunha, *Educação e desenvolvimento social no Brasil*, 5, Rio de Janeiro: Francisco Alves S.A, 1980, p.34.

mais confiantes, independentes e participativas, em espaços onde professores, alunos e membros externos da comunidade escolar podem interagir. Em vez de controladas, as relações devem ser fomentadas e orientadas, porque nelas reside a capacidade de aprendizagem e crescimento humano e social.

Os edifícios escolares e os modelos educativos actuais revelam-se, assim, cada vez mais desadequados às exigências e expectativas da sociedade contemporânea. Esta desadequação resulta, em muito, do distanciamento da escola com a cidade e vice-versa. A escola está desligada da vida urbana contemporânea. Por este motivo, a crise da educação é também a crise da cidade, porque pensar a educação é sobretudo pensar na forma como nos relacionamos. Assim, a renovação do espaço escolar deve refletir o caminho para a transformação e reorganização da sociedade, porque, como refere o pedagogo americano John Dewey, “we never educate directly, but indirectly by means of environment”¹⁴. De facto, Dewey defendeu, ainda em 1899, que a escola deveria ter uma relação estreita com a comunidade e propôs, através de dois diagramas, que os espaços de aprendizagem deveriam promover as relações com a natureza, com a casa, com a indústria e com a universidade¹⁵. As suas ideias tiveram um impacto efectivo nos pedagogos portugueses do início do século XX, como António Sérgio, que liderou nos anos 10 e 20 o debate sobre a escola republicana e democrática, que ainda hoje continua por cumprir.

Na cidade contemporânea, o quadro de referência deixou de ser a construção de uma identidade nacional. Deste modo, os programas públicos (como a educação, a justiça, a saúde) que antes orientaram e consolidaram o desenho e o crescimento urbano das cidades, são agora englobados nas novas dinâmicas que alimentam a vida urbana contemporânea. Impulsionado pelos efeitos da globalização e pelas novas tecnologias de informação e comunicação (como a internet), o espaço adquiriu novas características. Entender e promover as relações das pessoas com o espaço pode ser, assim, o desafio para lidar com a transformação da escola e da cidade moderna.

O recente Programa de Modernização das Escolas Secundárias, iniciado em 2007 e suportado por políticas e fundos Europeus, retomou o debate sobre o futuro da educação e a cidade no contexto português. Criou uma oportunidade de reflexão sobre a concepção arquitectónica dos espaços de ensino/aprendizagem procurando, simultaneamente, dar forma à actualização de processos e métodos pedagógicos da escola pública e à reorganização urbana. Criou também a oportunidade de pensar esta relação a partir do projecto de arquitectura, ensaiando possibilidades e cenários que possam responder positivamente às necessidades educativas futuras. Este programa contribuiu ainda, para repensar o papel dos equipamentos escolares na cidade. Além de recuperar e modernizar os edifícios, um dos seus objectivos foi abrir a escola à comunidade, recentrando-a nos meios urbanos. Ainda assim, continuamos a perguntar: Que escola e que cidade queremos para o futuro?

14 John Dewey, *Democracy and education: an introduction to the philosophy of education*, New York: The Macmilan Company, 1944, p.19.

15 John Dewey, *School and Society*, New York: The Macmilan, 1900

Nesta indefinição, cabe à arquitectura continuar a ensaiar novos cenários na renovação dos equipamentos escolares que acompanhem o debate sobre os novos modelo educativos no caminho para uma transformação e reorganização da sociedade. Desenvolver uma ideia de escola é, por isso, um importante passo para desenhar a cidade e a sociedade do futuro.

3. A escola como cidade e a cidade como escola

A transformação da escola e dos seus equipamentos tem o potencial de reabilitar e dinamizar as cidades na redefinição dos seus envolventes urbanos. Neste sentido, a ideia de a escola ser entendida como uma cidade, proposta por Herman Hertzberger¹⁶, orienta o debate a novas concepções de escola. De facto, a escola entendida como uma sistema de ruas, pátios, praças e casas, permite-nos perspectivar a importância dos espaços de aprendizagem informal no processo educativo, relacionando a arquitectura com a sociedade. Esta ideia retoma o discurso Albertiano em que “a cidade é uma casa em ponto grande e, inversamente, a casa é uma cidade em ponto pequeno”¹⁷. Neste sentido, a distinção entre espaços (fechados e abertos; públicos e privados, individuais e colectivos) é essencial para criar uma estrutura onde os estudantes e as pessoas em geral possam integrar a sua individualidade numa comunidade heterogénea.

Esta ideia retoma a tradição do planeamento urbano do século XIX, onde a escola, juntamente com outros equipamentos públicos, estruturaram o desenho do espaço urbano e onde o espaço público, com praças, avenidas e ruas, integraram a escola na vida urbana.

A formalidade actual dos espaços de ensino e aprendizagem, centra a concepção dos edifícios escolares na sala de aula em relações fechadas, hierárquicas e unidireccionais entre professor/aluno e escola/cidade. O espaço torna-se excessivamente controlado e limitado, contribuindo para a falta de envolvimento e integração das comunidades escolares e urbanas.

Para tentar encontrar soluções que contrariem esta tendência não comunitária da escola, Hertzberger desenvolveu um conceito tipológico de “Rua de Aprendizagem”¹⁸, onde as áreas funcionais do complexo escolar possam ser articuladas segundo uma rua urbana. Os espaços informais tornam-se, assim, espaços com uma forte natureza pedagógica, entendida como uma extensão dos espaços formais, promovendo uma educação mais democrática, humanista e responsável, onde a aprendizagem individual é substituída pelo trabalho colectivo com uma atitude dialogante.

16 Herman Hertzberger, “Space and Learning”, in *Lessons in Architecture*, 3, Roterdão, 010 Plublishers, 2008.

17 Leon Battista Alberti, *Da Arte Edificatória*. Introdução, notas e revisão disciplinar de Mário Krüger, tradução de Espírito Santo. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, cap.IX, 2011, p.157.

18 Conceito de “rua de aprendizagem” Herman Hertzberger, “Space and Learning”, in *Lessons in Architecture*, 3, Roterdão, 010 Plublishers, 2008.

4. A Escola da Quinta das Flores e o Conservatório de Música de Coimbra

Um exemplo de reabilitação urbana a partir da transformação da escola está presente no processo de modernização da Escola da Quinta das Flores, em Coimbra. Esta escola, de tipologia pavilhonar, foi construída, já depois do regime do Estado Novo, numa zona periférica da cidade de Coimbra, absorvendo a expansão do tecido urbano até à actualidade.

O projecto transforma a tipologia pavilhonar a partir da construção de um edifício que, além de consolidar a frente da rua, agrega os pavilhões antigos. Este projecto vem contrariar as ideias democráticas dos projetos-tipo dos anos 60 e 80 - de área aberta, livre de limites, com um sistema disperso de pavilhões afastados do limite do quarteirão urbano - e retoma a hierarquia volumétrica dos projetos-tipo, dos anos 40, para as escolas técnicas, onde o edifício principal construía a frente da rua.

Este novo edifício da escola alberga o ensino integrado da música e da dança nos pisos superiores e a biblioteca, refeitório, bar e sala de espectáculos no piso térreo. Deste modo, o edifício do Conservatório complementa o programa escolar com um equipamento aberto para a cidade. Através do programa da sala de espectáculos, alarga o tempo de utilização do edifício e abre o piso térreo ao público em geral, promovendo a relação com o espaço público e com a comunidade exterior.

O sistema “open-space” e a transparência do piso térreo são características arquitectónicas deste edifício que fomentam formas de relação e aprendizagem informais da comunidade escolar. Além disso, estabelece uma relação franca com a rua e o passeio públicos. Propõe, desta forma, uma solução alternativa ao limite gradeado da maior parte das escolas.

Se a Escola da Quinta das Flores foi, em tempos, um limite periférico desagregado do espaço urbano, o Conservatório é hoje uma estrutura de dinamização que, pelo seu carácter social e cultural, contribui para a construção de novas centralidades e identidades de Coimbra¹⁹

5. Investigar pelo projecto de arquitectura: novos cenários para a escola e para a cidade.

No meio académico, este tema tem também sido desenvolvido pelos alunos de arquitectura da Universidade de Coimbra. Neste sentido, foi proposto a elaboração de um projecto de arquitectura para reabilitar escolas, baseado na reinvenção do programa educativo e na articulação do edifício escolar com a cidade.

Os exercícios foram desenvolvidos em duas escolas diferentes. No ano lectivo de 2013/2014 o exercício centrou-se na transformação de uma escola pavilhonar, construída nos anos 80

19 Carolina Ferreira; Gonçalo Canto Moniz, “Conservatório de Música de Coimbra e escola do Vale das Flores. Espaços de aprendizagem com o espaço urbano”, in 700+25 Arquitectura na Universidade, Catálogo da Bienal de Arte de Coimbra. Coimbra: Norprint – a casa do livro, 2016, pp. 345-351.

do século XX, na cidade de Coimbra, a escola secundária da Casa Branca. No ano lectivo de 2015/2016, o mesmo trabalho foi desenvolvido numa zona central da cidade do Porto, na escola primária da Rua do Sol, construída nos anos 50 do século XX.

Nos dois casos, as propostas testaram soluções para a articular a escola com a cidade por meio de percursos, praças, avenidas e galerias para diluir as fronteiras e os limites rígidos em oposição aos actuais gradeamentos. Deste modo, encontraram pontos estratégicos onde o percurso do espaço público penetrasse no recinto escolar e vice-versa. As propostas desenvolveram esquemas e desenhos onde a intersecção do espaço público (cidade) e privado (escola) seja combinada de maneiras diferentes: ou se cruzam, ou se intersectam sem se cruzar, ou se separam completamente. Desta maneira as estruturas urbanas, como a avenida, a rua ou a praça, foram recriadas tornando-se também espaços de aprendizagem informal.

Nalguns exemplos, apresentados nas figuras abaixo, o limite da escola é desenhado com uma galeria de distribuição que simultaneamente constrói a vedação da escola e organiza os pátios interiores. Noutros casos, o perímetro da escola não é encerrado, mas antes aberto para a cidade por meio de percursos que, em certos momentos, edificam o programa da escola. Estes percursos geram uma malha de composição urbana, ligando internamente os pavilhões existentes e estes às zonas envolventes.

As propostas criticaram também a concepção da escola baseada na sala de aula, nos espaços formais de aprendizagem e na ideia do espaço controlado e delimitado. Neste sentido, as soluções contrariam o uso de paredes como um dispositivo de controlo e exploram elementos mais permeáveis como os grandes envidraçados, os espaços interiores abertos, flexíveis e adaptáveis a diferentes usos.

A nível programático, foi possível integrar equipamentos partilhados pela escola e pela comunidade, entendendo deste modo a escola não só como um centro educativo, mas também como um centro cívico. No programa escolar é, assim, possível misturar actividades de uso público, como as bibliotecas, livrarias, salas de espetáculo, pavilhões desportivos, oficinas, galerias de arte, entre outras. As possibilidades de reinvenção programática são infinitas, possibilitando deste modo a dinamização da vida das cidades.

A recriação tipológica dos espaços da escola, desenvolvida pelos alunos de arquitectura, mostrou o potencial transformador da escola na estrutura urbana e na vida cidade, no caminho para uma escola mais comunitária, inclusiva e adaptável à necessidade da sociedade contemporânea.

Referências Bibliográficas

- AA.VV., *Urbanism under Dictatorship: A European Perspective*, Marald Bondenschat, Piero Sassi, Max Wech Guerra (eds.), Birkhauser, 2015.
- Álvaro Domingues, *Cidade e Democracia: 30 anos de Transformação Urbana em Portugal*, Argumentum, 2005.
- Ana Luísa Pimenta, *Cidade à Margem. Reaproximar Águeda ao rio*, (Tese de Mestrado), Coimbra: Universidade de Coimbra, 2011.
- Carolina Ferreira; Gonçalo Canto Moniz, "Conservatório de Música de Coimbra e escola do Vale das Flores. Espaços de aprendizagem com o espaço urbano", in *700+25 Arquitectura na Universidade*, Catálogo da Bienal de Arte de Coimbra. Coimbra: Norprint – a casa do livro, 2016, pp. 345-351.
- Filomena Beja, *Muitos anos de Escolas*, Lisboa: Ministério da Educação e Cultura. Direcção Geral dos Equipamentos Educativos, 1987.
- Gonçalo Canto Moniz, "A Construção do programa Liceal: Arquitectura, Política e Ensino", in *Arquitectura* 21, 4, 2009, pp. 28-36.
- Gonçalo Canto Moniz, "Espaços de aprendizagem: construção e transformação da escola moderna", in *Actas VIII Congresso DOCOMOMO Ibérico*, 2015, pp.123-136.
- Gonçalo Canto Moniz, "Intervenção sobre o Espaço Liceal Moderno: Problemas, Estratégias e Respostas", in *Anuário do Património* (1), 2012, pp. 172-179.
- Gonçalo Canto Moniz, *Arquitectura e instrução: o projecto moderno do liceu: 1836-1936*, Coimbra: EDARQ (Debaixo da telha), 2007.
- Gonçalo Canto Moniz, Carolina Ferreira, "The school as a city and a city as a school: Future architectural scenarios for the school", *Lernumgebungen. Erziehungswissenschaftliche Perspektiven auf Schulgebäude und Klassenzimmer*, Berlin & Toronto: Verlag Barbara Budrich, 2016, pp.125-137.
- Herman Hertzberger, "Space and Learning", in *Lessons in Architecture*, 3, Roterdão, 010 Publishers, 2008.
- John Dewey, *Democracy and education: an introduction to the philosophy of education*, New York: The Macmillan Company, 1944.
- Leon Battista Alberti, *Da Arte Edificatória*. Introdução, notas e revisão disciplinar de Mário Krüger, tradução de Espírito Santo. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, cap.IX, 2011.
- Luísa Veloso, Joana S. Marques, Alexandra Duarte, "Changing education through learning

- spaces: impacts of the Portuguese school buildings' renovation programme", in *Cambridge Journal of Education*, 44(3), 2014, pp. 401-423.
- Luiz António Cunha, *Educação e desenvolvimento social no Brasil*, 5, Rio de Janeiro: Francisco Alves S.A, 1980.
- Mabely Moreira, *Escola e Cidade: Zona Escolar do Calhabé*, (Tese de Mestrado), Coimbra: Universidade de Coimbra, 2014.
- Madalena Cunha Matos, *As Cidades e os Campis: Contributo para o estudo dos territórios universitários em Portugal*, Tese de Doutoramento, 2000.
- Michel Foucault, *Vigiar e punir: nascimento da prisão*, 5ª edição. Petrópolis, Editora Vozes, 1987.
- Noam Chomsky, "The Death of American Universities", 2014. Disponível em <http://www.jacobinmag.com/2014/03/the-death-of-american-universities> [Data de consulta: 28 de agosto de 2016]
- Sofia Oliveira, *Escolas –Tipo. O processo de produção escolar de 1958 a 1968*, (Tese de Mestrado), Coimbra: Universidade de Coimbra, 2010.
- Stefano Munarin, Maria Chiara Tosi, "Welfare Space. On the Role of Welfare State Policies in the Construction of the Contemporary City", in *The 4th International Conference of the International Forum on Urbanism, The New Urban Question – Urbanism beyond Neo-Liberalism*, Amsterdam/Delft, 2009, pp.371-379.